

EXPOSIÇÃO

Revelações da cidade: Governador Valadares em vários tempos



Apresentação

Esta exposição fotográfica tem como objetivo Revelar a cidade de Governador Valadares, em seus vários tempos. A partir desta perspectiva a história ganha uma face múltipla, carregada de sentidos diversos expressos em cada um dos seus protagonistas, envolvendo desde ricos fazendeiros, políticos prestigiados, famílias tradicionais até personagens cotidianos, pessoas comuns que também trabalharam para erguer essa cidade.

Concepção e pesquisa
Patrícia Falco Genovez
Maria Terezinha Bretas Vilarino
José Luiz Cazarotto

Tradução
José Luiz Cazarotto
Patrícia Falco Genovez

Revisora da tradução
Gean Carla Pereira
José Luiz Cazarotto

Bolsistas
Myrelle Marzochi
Isabella Lopes
Caíque Viana

Organização
Núcleo de Estudos Históricos e Territoriais/Univale
Observatório Interdisciplinar do Território/Univale
Mestrado Gestão Integrada do Território/Univale
Grupo de Estudo Arquitetura e Urbanismo/ Univale

Apoio
Editora Univale
Curso de Arquitetura e Urbanismo/Univale
Curso de Jornalismo/Univale

O rio doce e a Floresta

O grande encanto dessa região do Brasil está nas imensas florestas virgens que cobrem, com grandiosidade sem par, quase a totalidade da área banhada pelo rio Doce e seus numerosos afluentes. Em ambas as margens do rio, e durante a maior parte do seu curso, essas belas florestas, abundantes em uma centena de espécies da melhor madeira, chegam até à beira d'água, formando uma muralha quase impenetrável da vegetação tropical mais esplendidamente natural que possa ser imaginada. [...] Não resta dúvida de que a futura riqueza dessa região do Brasil está na imensa reserva de valiosas madeiras que suas matas virgens contêm (William John Steains, descrição feita em fins do século XIX).



Litografia do Rio Doce feito pelo geólogo Charles F. Hartt, em 1860
Fonte: TEIXEIRA, Romeu do N. O Vale do Rio Doce. Rio de Janeiro: Cia. Vale do Rio Doce, 2003.



Mapa da América do Sul de Charles Suderland, século XVIII
Fonte: TEIXEIRA, Romeu do N. O Vale do Rio Doce. Rio de Janeiro: Cia. Vale do Rio Doce, 2003.



Paisagem da Serra da Mantiqueira – ao centro da foto a mata onde se encontra a nascente do Rio Doce
Fonte: TEIXEIRA, Romeu do N. O Vale do Rio Doce. Rio de Janeiro: Cia. Vale do Rio Doce, 2003.



Vista parcial do rio Doce nas imediações da cidade, década de 1940
Acervo: Petronilho Alcântara



Vista parcial do rio Doce nas imediações da cidade, década de 1940
Acervo: Petronilho Alcântara



Vista parcial do rio Doce nas imediações da cidade, década de 1940
Acervo: Petronilho Alcântara

{ Exposição }

Revelações da cidade

Apoio:



GIT

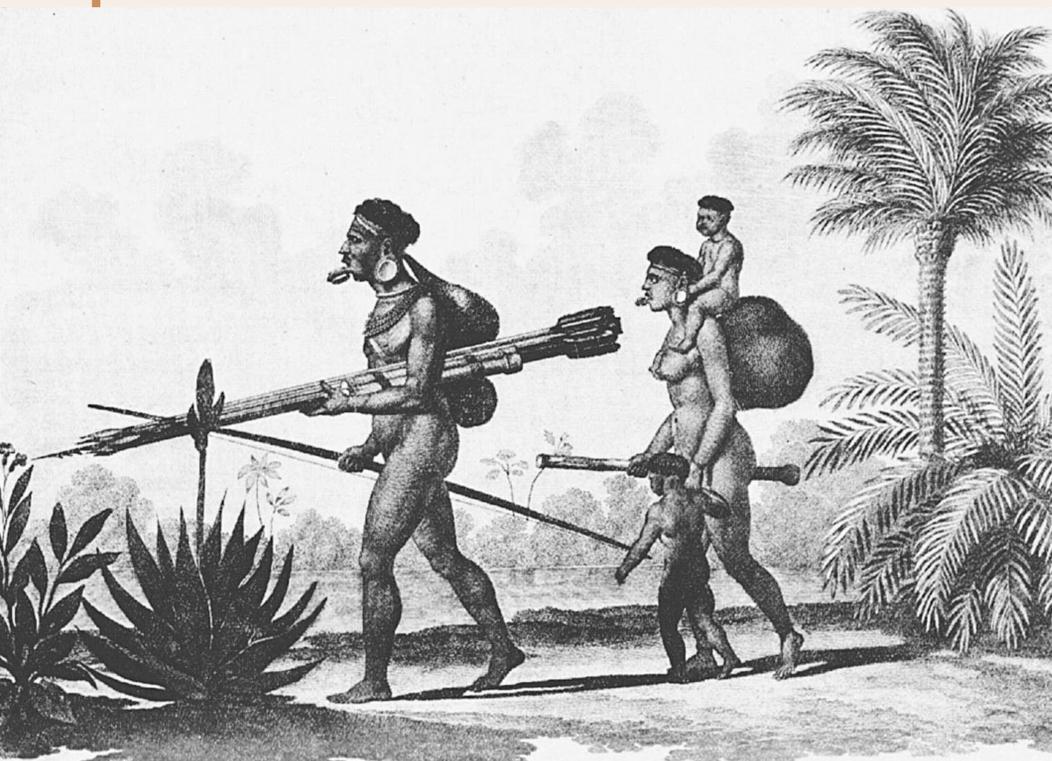
Programa de Pós-Graduação
Gestão Integrada do Território

Apoio:

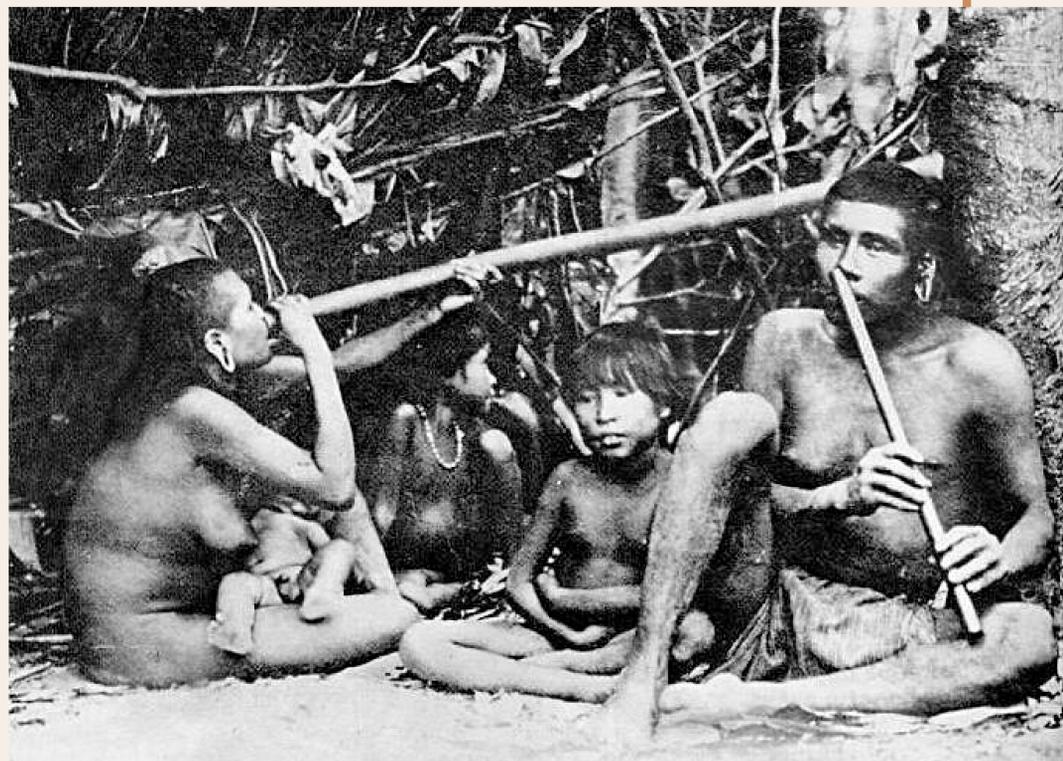


Os Primeiros habitantes do Rio Doce

Os borun ou botucudo habitavam o Watu (rio largo), que conhecemos como Rio Doce. O nome botucudo foi dado pelos portugueses por causa do botoque, rodela de madeira usada nos lábios e/ou lóbulos das orelhas, que os índios chamam de *imató*. Diferente dos Nak-nanuk, os homens Gutkrak só usavam o imató nas orelhas.

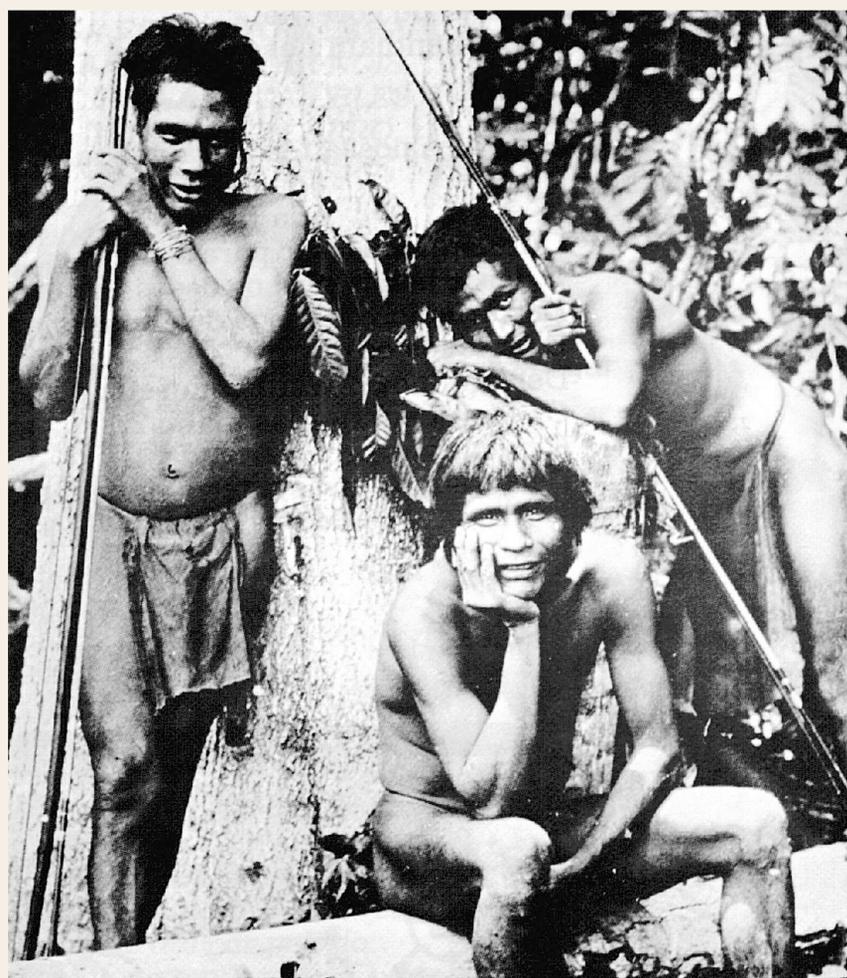


Família Nak-Nanuk em viagem



Família Gutkrak (Krenak) com flautas.

A primeira figura “família Nak-Nanuk em viagem” está na obra do príncipe alemão Maximiliano de Wied-Neuwied, que esteve com os botucudos em 1815 (*Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1989). As outras imagens são fotografias de 1911, por Walter Garder. Fonte: *Revista do Museu Paulista*, São Paulo.



Capitão Muim, em pé, à esquerda.



Jovens índias Krenak com seus imatós.

Capitão Muim era filho do líder Krenak (Cabeça na terra). No início do século XX, Krenak deixou o rio Pancas (ES) com parte da nação Gutkrak que recusou contato com Serviço de Proteção aos Índios – SPI. Subiram o Rio Doce e se estabeleceram no rio Eme, atual município de Resplendor. Mais tarde, seu filho Muim aceitou o contato e foi seguido pela maioria, resultando na negociação que deu origem a reserva indígena de Resplendor. O velho Krenak se refugiou com poucos seguidores no local chamado Cuparaque (onça-pintada). Logo após sua morte ocorreu o massacre de Cuparaque. Os sobreviventes buscaram proteção junto ao Capitão Muim. A partir da década de 1930 os botucudos do rio Doce passaram a ser conhecidos como Krenak.

Apoio:

Univale
Construindo conhecimento

Editora
Univale

GIT
Programa de Pós-Graduação
Gestão Integrada do Território

Exposição

Revelações da cidade

Apoio:

Mestrado
Interdisciplinar
Gestão Integrada do Território

OBIT
Laboratório de Observação e Intervenção em Território

Arquitetura
Urbanismo

Figueira entre os século XIX e o início do século XX

A história de Governador Valadares começa em 1818, como quartel da 6ª Divisão Militar do rio Doce. O lugar oficialmente chama-se Dom Manoel, mas desde o início ficou popularmente conhecido como Figueira, tornando-se distrito de Peçanha, em 1882. Na primeira década do século XX não existiam estradas, somente as trilhas na floresta e a comunicação por canoas, que subiam e desciam rio Doce e seus afluentes.



Porto de canoas com várias pirogas.
Acervo: CEDAC



Caçadores exibem a anta que capturaram.
Acervo: CEDAC

O transporte de carga era feito por tropas de burro e canoas. Tudo era muito isolado e difícil. Ocasionalmente faltavam alimentos e o povo era obrigado a abandonar o lugar. Algumas pessoas desciam de Peçanha para caçar. Tudo mudou em 1910, quando ficou pronto o pontilhão sobre o rio Doce e foi inaugurada a estação da Estrada de Ferro Vitória a Diamantina (atual Vitória-Minas). Em 1911 o geógrafo Álvaro da Silveira visitou a região e fez diversas fotografias, publicadas no livro Memórias Chorographicas, em 1922.



Pontilhão sobre o Rio Doce.
Acervo: CEDAC



Vila de Figueira, em 1911,
Acervo: CEDAC

Apoio:



GIT

Programa de Pós-Graduação
Gestão Integrada do Território

{ Exposição }

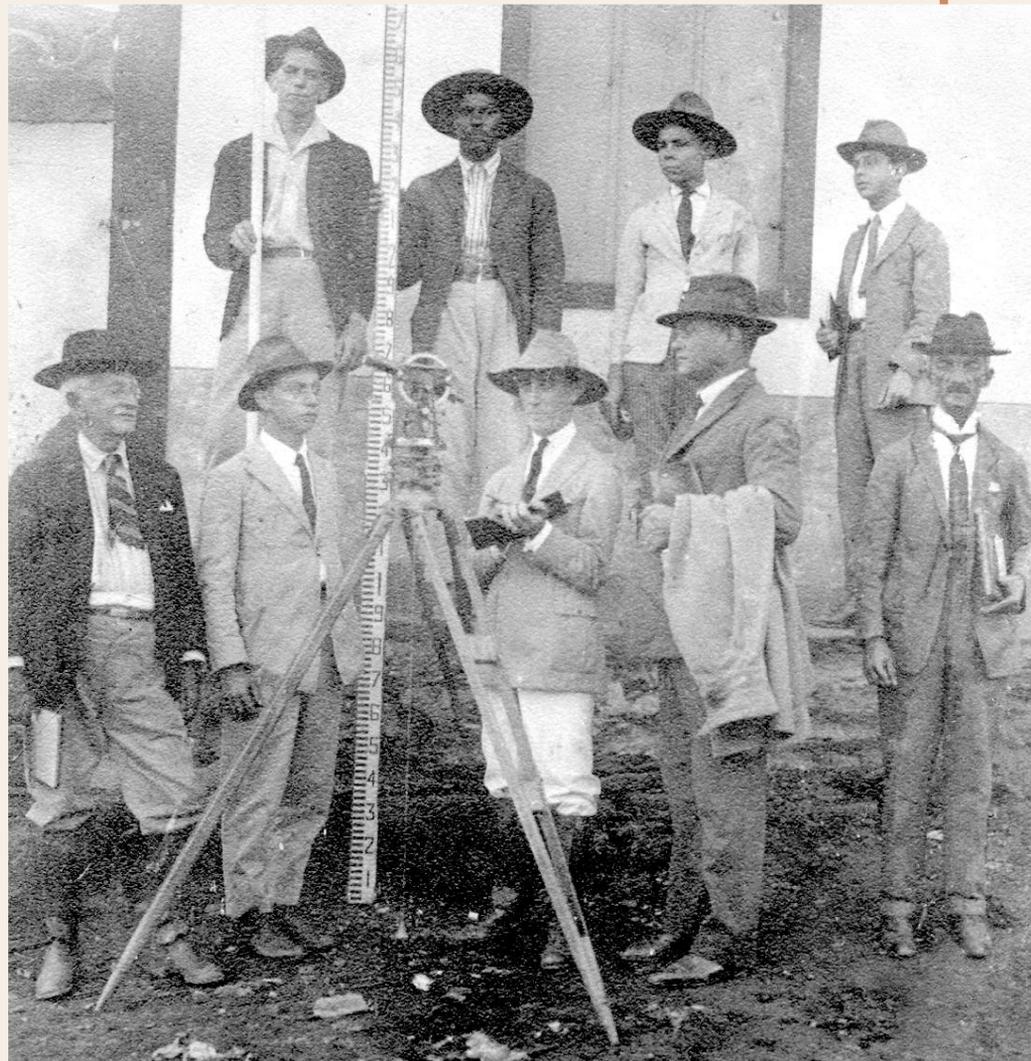
Revelações da cidade

Apoio:

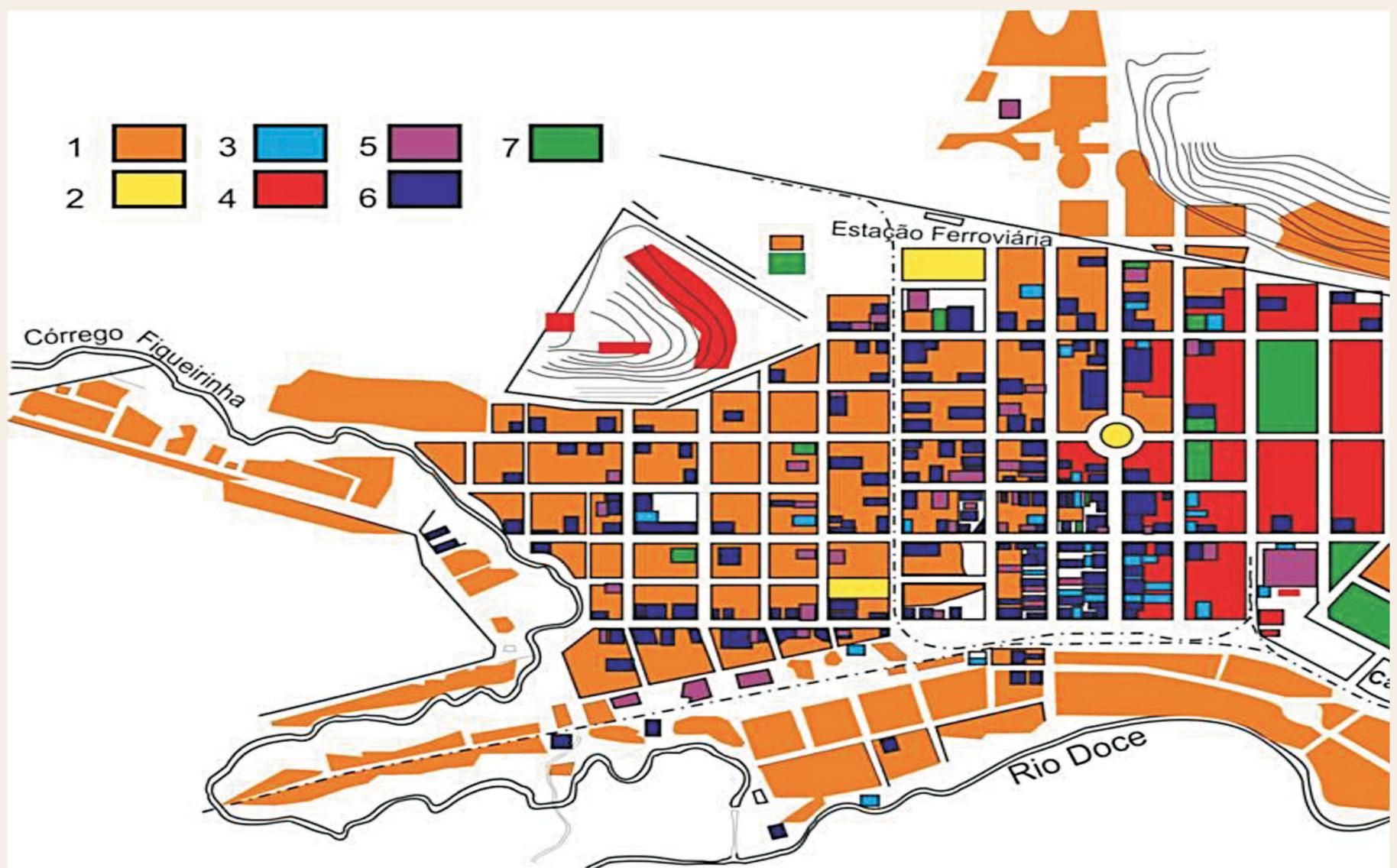


Os primeiros indícios de urbanização

Em 1915, ainda distrito de Peçanha, a pequena Figueira iniciou uma proposta de traçado urbano. A equipe encarregada de realizar o trabalho foi contratada pela Câmara Municipal de Peçanha. A planta geral garantiu o traçado da área central. O serviço foi feito por engenheiros da estrada de ferro, sob a responsabilidade de Olímpio de Caldas Freitas, com o auxílio do carpinteiro José Serra Lima de Oliveira, nomeado posteriormente funcionário encarregado de fiscalizar o seu cumprimento.



Equipe encarregada de realizar o traçado urbanístico de Figueira.



Traçado urbano de Governador Valadares.

Fonte: Dados modificados a partir de Strauch (1958) apud GUIMARÃES, C. M. 2009, p. 54.

Legenda: 1. casas classe pobre e operária; 2. praças; 3. comércio varejista e artigos de alimentação; 4. casas classe média e alta; 5. indústrias; 6. comércio e artigos manufaturados; 7. serviços públicos, administrativos, escolas, etc.

Apoio:



GIT

Programa de Pós-Graduação
Gestão Integrada do Território

{ **Exposição** }

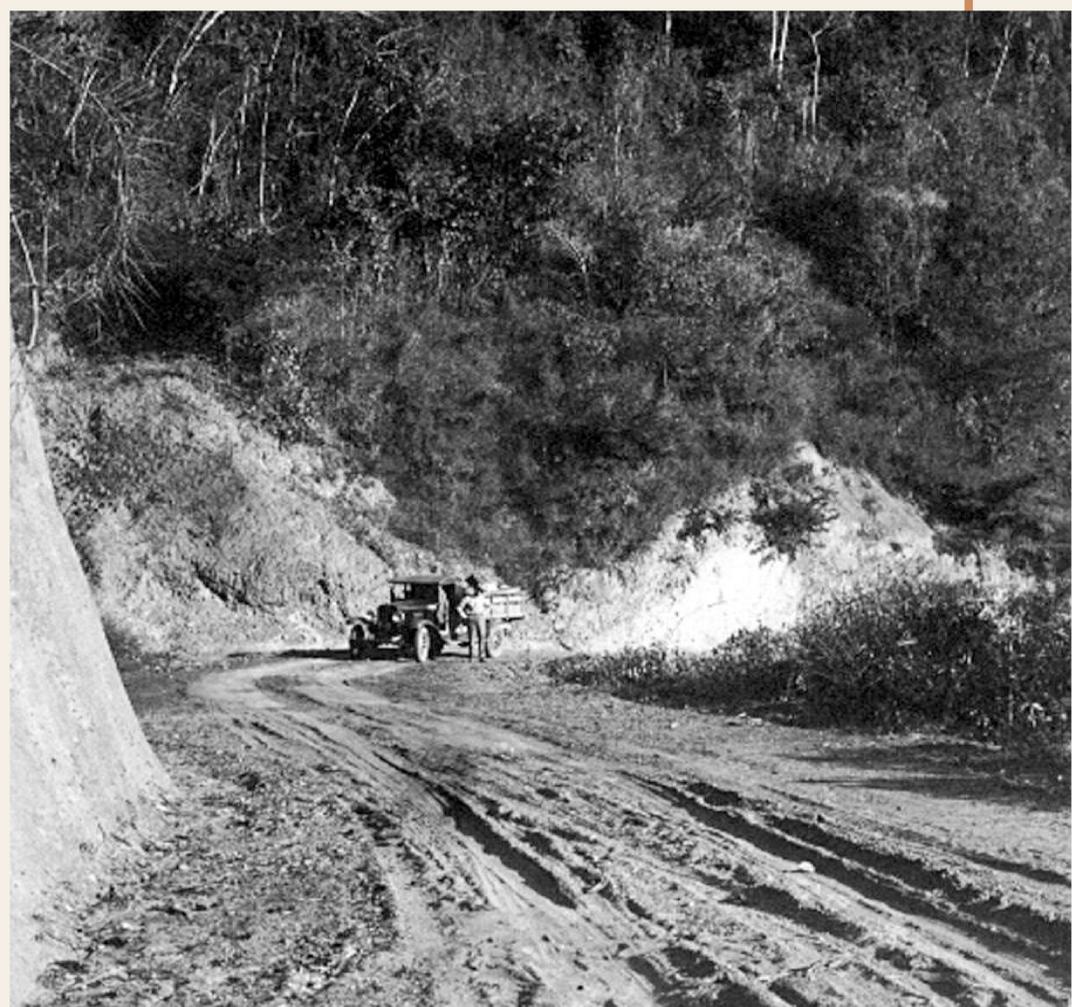
Revelações da cidade

Apoio:



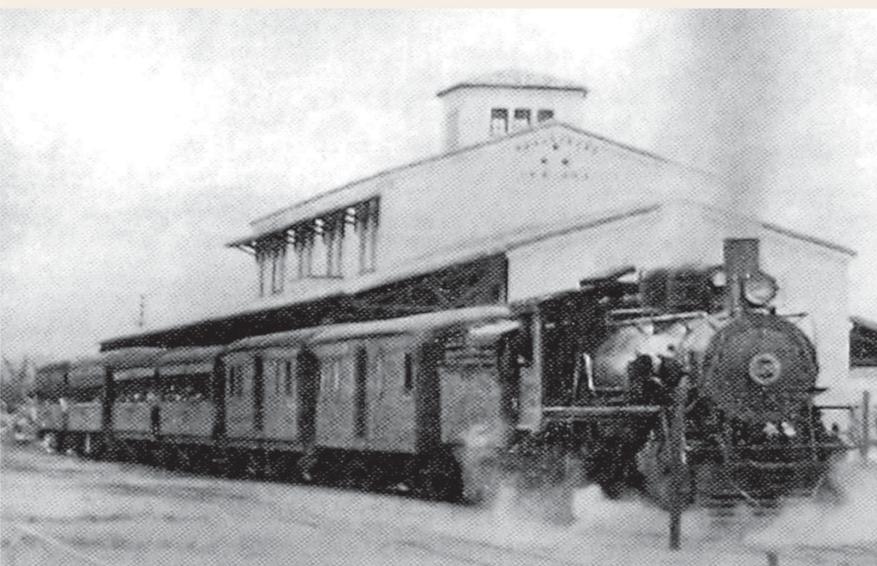
A estrada de rodagem e o crescimento da pecuária

Já os romanos sabiam da importância das estradas e ao longo da história isto foi sempre se confirmando. As mudanças em Governador Valadares não podem ser compreendidas sem este aspecto. A década de 1930 mostrou-se promissora. Em 1934, a abertura da Estrada Figueira-Teófilo Otoni, pelo engenheiro alemão Guilherme Giesbrecht, abriu oportunidades de comércio e, por esse caminho, expandiu-se a pecuária na região. Logo em seguida, a estrada de rodagem alcança Itambacuri.



Abertura da Estrada Figueira-Teófilo Otoni, em 1934,
Acervo: Museu da Cidade

Mesmo com os progressos nos meios de transporte, com a chegada do trem no início do século e com a Estrada de rodagem, o distrito de Figueira ainda utiliza a tração animal. Os bois circulavam pela principal avenida, a Minas Gerais.



Trem na estação, Figueira, s/d.
SANTOS, Parajara dos. 100 anos de fotografia.



Boiada na Av. Minas Gerais, 1929
Acervo: Museu da Cidade

Apoio:



GIT

Programa de Pós-Graduação
Gestão Integrada do Território

{ Exposição }

Revelações da cidade

Apoio:



Figueira: o urbano e o rural



Vista de Figueira, a partir do outeiro da Catedral de Santo Antônio, com a linha do trem de ferro no leito do que é hoje a Av. Brasil. Observe a rua Prudente de Moraes, que tinha o nome de rua Direita. Década de 1930.
Acervo: Museu da Cidade

Apesar do esforço em implantar um plano urbanístico, nem todas as áreas do distrito se enquadraram, como por exemplo, o bairro São Raimundo, considerado Zona Rural na década de 1930. O traçado da futura cidade caminhava a passos lentos e contava com o incansável trabalho de Serra Lima. No perímetro urbano a linha do trem serpenteava o centro do distrito que já mostrava um crescimento considerável.



Vista do atual Bairro São Raimundo, década de 1930
Acervo: Museu da Cidade

{ Exposição }

Revelações da cidade

Apoio:



Os Primeiros empreendimentos comerciais

Nas primeiras décadas do século XX, Figueira contava com uma rede de comércio que cresceu substancialmente. Após a emancipação, os empresários locais criaram a sua Associação Comercial, em 1939.



Farmácia Freitas, 1914
Fonte: SANTOS, P. 100 Anos de Fotografias.



Farmácia Nova (s/data)
Fonte: SANTOS, P. 100 Anos de Fotografias.



Bazar do Povo, fundada em 1925
Fonte: SANTOS, P. 100 Anos de Fotografias.



Byrro e Irmãos, 1925 (Casa Byrro, desde 1910)
Fonte: SANTOS, P. 100 Anos de Fotografias

Apoio:



{ Exposição }

Revelações da cidade

Apoio:



As principais ruas do distrito de Figueira

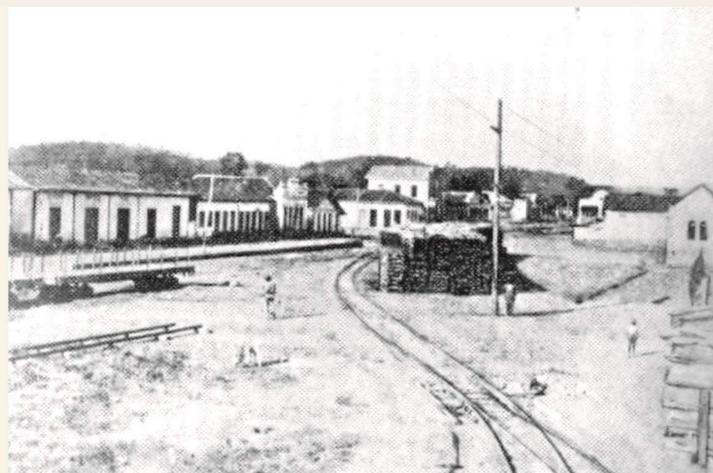
Nas primeiras décadas, entre os anos de 1910 e 1930, a pequena Figueira crescia margeando os trilhos que a cercavam. As ruas empoeiradas mostram a brincadeira da molecada, a conversa dos cavaleiros, os trilhos da modernidade e a boiada no centro do distrito.



Rua Peçanha, 1928
SANTOS, Parajara dos. 100 anos de fotografia



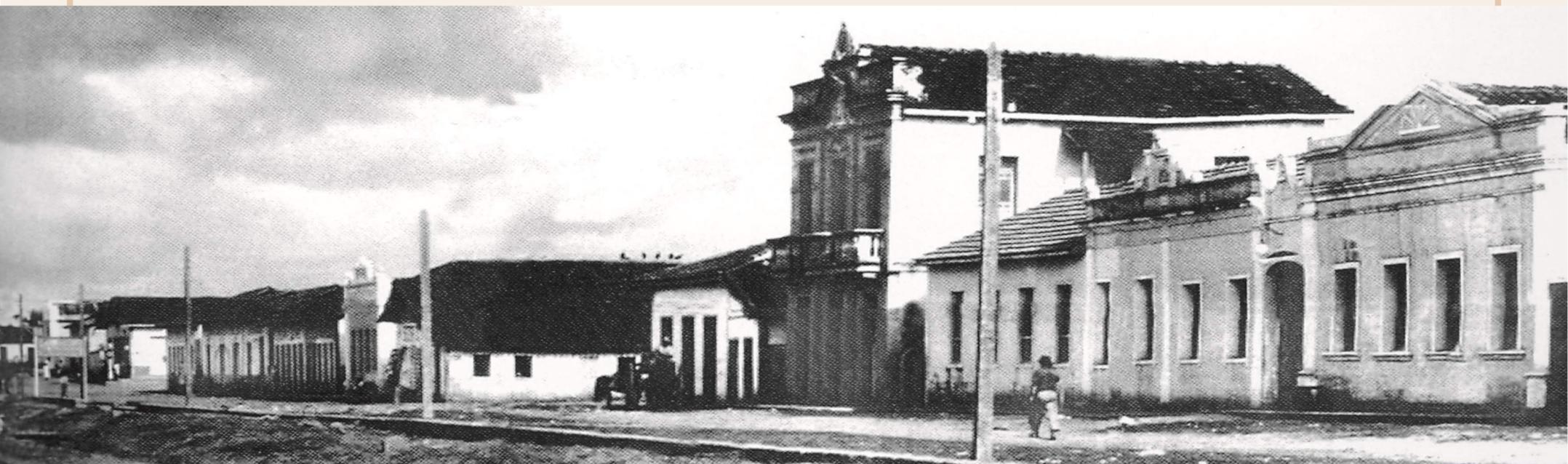
Rua Prudente de Moraes, 1936
SANTOS, Parajara dos. 100 anos de fotografia



Trilhos na atual Praça dos Pioneiros, 1932 – ao fundo, à direita a Estação
SANTOS, Parajara dos. 100 anos de fotografia



Boiada estacionada em frente ao Grande Hotel em construção, em 1935 (próximo à Estação)
SANTOS, Parajara dos. 100 anos de fotografia



Rua Marechal Floriano, 1930
SANTOS, Parajara dos. 100 anos de fotografia

{ Exposição }
Revelações da cidade

Apoio:



GIT

Programa de Pós-Graduação
Gestão Integrada do Território

Apoio:



Os Primeiros Templos de Governador Valadares

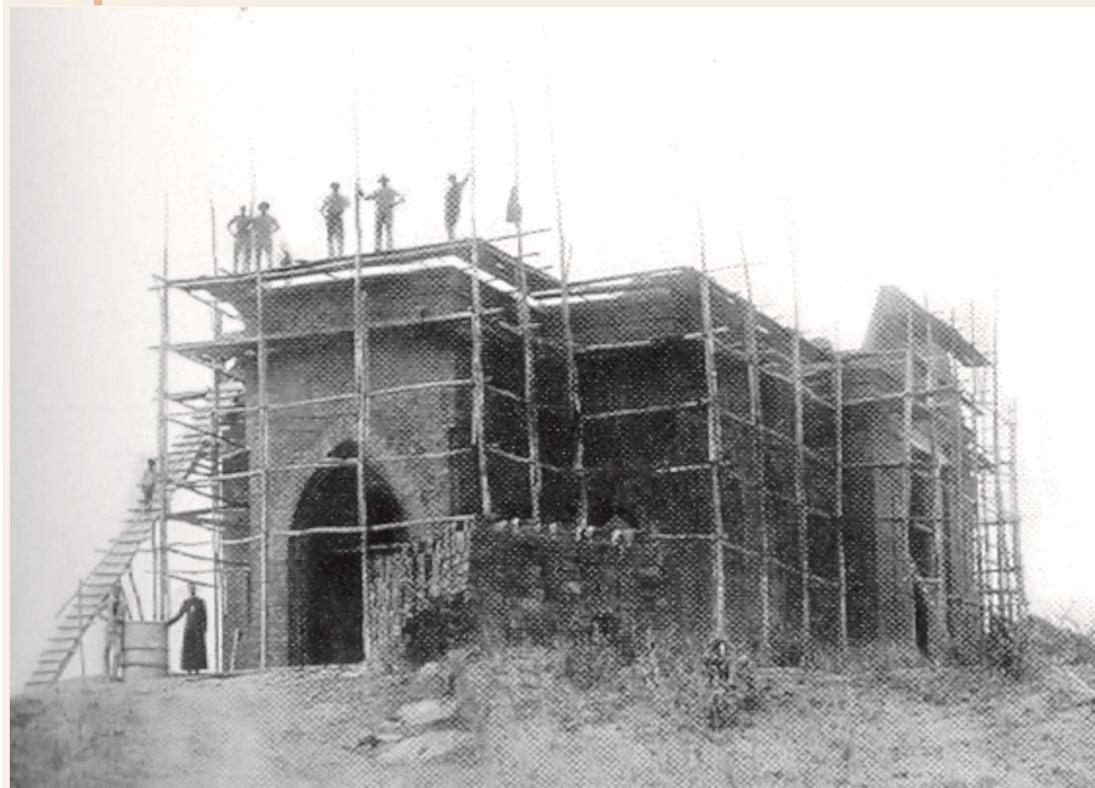
Em termos religiosos, os frades capuchinhos ergueram uma pequena capela na década de 1880 marcando os trabalhos de catequese dos indígenas locais. Esta pequena capela foi envolta pela mata. No início do século XX, a pequena vila de Figueira recebeu o templo da Igreja Presbiteriana, o primeiro a ser erguido em Governador Valadares, na década de 1910. Pouco depois, entre 1910 e 1914, no mesmo local da primeira capela foi erguida outra capela consagrada a Santo Antônio e logo em seguida criada a paróquia, assumida pelo vigário frei Angélico de Câmpora. O padre Sady Rabelo supriu a paróquia de 1926 em diante.



Igreja Presbiteriana, desde 1911
Acervo: Museu da Cidade



Culto de Inauguração da I Igreja Presbiteriana, 1938
Fonte: PARAJARA, P. 100 anos de fotografia.



Matriz em construção, em 1932
Fonte: PARAJARA, P. 100 anos de fotografia.



Matriz, década de 1930
Fonte: PARAJARA, P. 100 anos de fotografia.

{ Exposição }

Revelações da cidade

Apoio:



GIT

Programa de Pós-Graduação
Gestão Integrada do Território

Apoio:



Do Flamengo Football Club ao Democrata: O Futebol em Figueira e em Governador Valadares

O futebol mobilizava as classes populares. Fundado em 13 de fevereiro de 1932 por Chain Salomão, o Democrata nasceu de uma dissidência do Flamengo Football Club. O nome é sugestivo, tendo em vista que Getúlio Vargas governava com autoritarismo. Na Figueira o Flamengo era dirigido com mãos-de-ferro pela Dona Inhazinha Rocha, que não admitia que seus atletas tivessem vida social. Num sábado de carnaval, alguns atletas do Flamengo, embalados pela folia, tinham consumido bebida alcóolica antes do jogo e levaram uma goleada histórica em Tumiritinga. Dona Inhazinha não tinha ido ao jogo, mas quando a equipe retornou, castigou os atletas. Isso provocou o racha que deu origem ao Esporte Clube Democrata.



Time de futebol de Figueira voltando campeão. Veja a Catedral de Santo Antônio ainda em obras e a Ibituruna coberta de matas.



E.C. Democrata, 1953.
fonte: CEDAC

{ Exposição }

Revelações da cidade

Apoio:

Univale
Universidade Vale do Rio Doce
Construindo conhecimento

Editora Univale

GIT
Programa de Pós-Graduação
Gestão Integrada do Território

Apoio:

MESTRADO INTERDISCIPLINAR
Gestão Integrada do Território

OBIT
Laboratório de Observação do Território

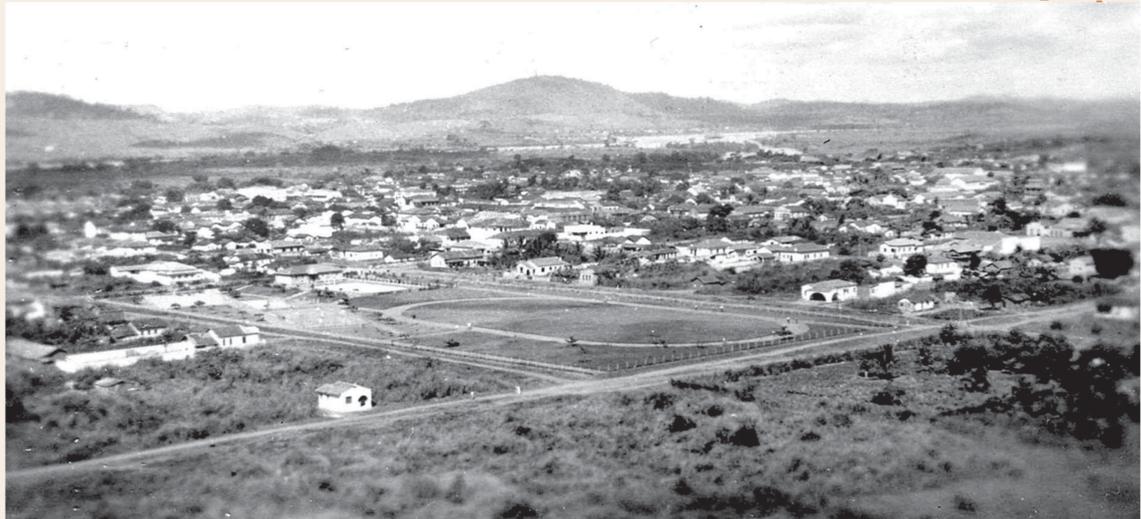
ARQUITETURA URBANISMO

O desenvolvimento de Governador Valadares entre os anos de 1940 e 1950

Algumas peculiaridades – material bélico estratégico como a mica – fizeram com que Governador Valadares tivesse um crescimento significativo nos anos da Segunda Guerra Mundial. Este fenômeno colocou a cidade no mapa do mundo e foi fator de desenvolvimento intenso, como podemos ver no traçado urbano e no surgimento de novos bairros.



Vista parcial da cidade na década de 40
Acervo: Petronilho Alcântara Costa

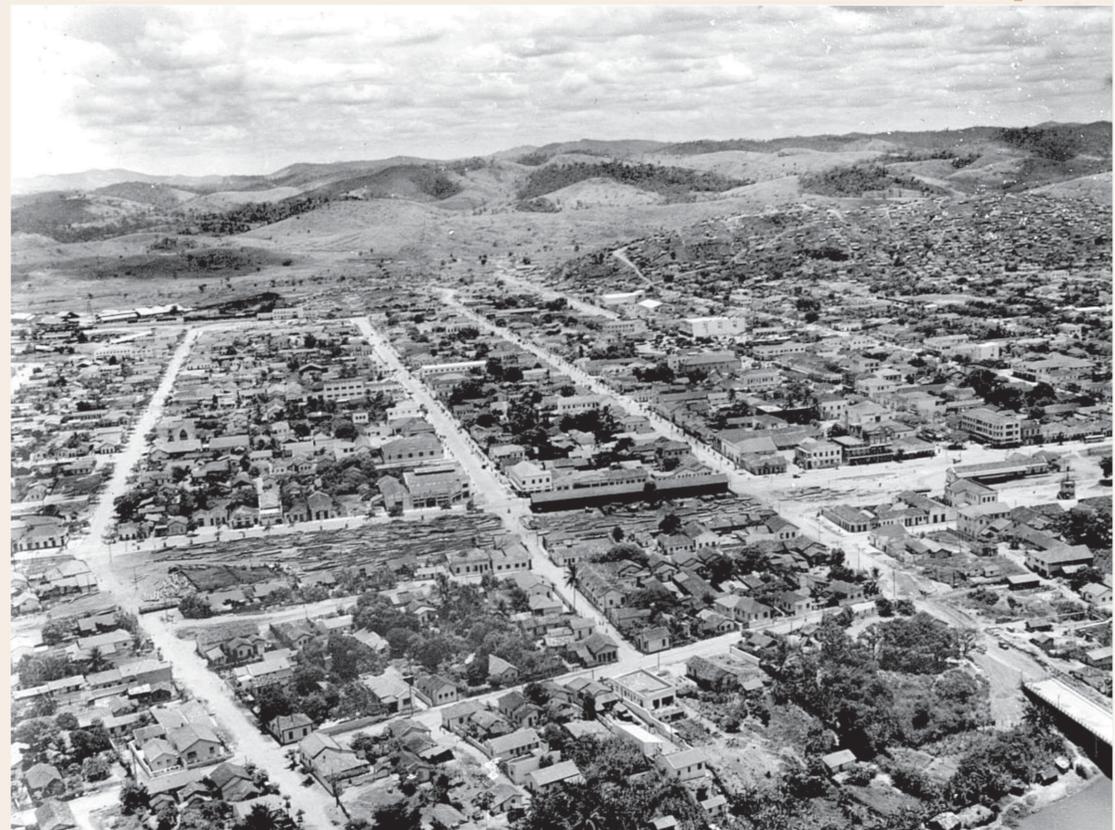


Traçado da Rua Sete de Setembro (primeiro plano)
Acervo: Petronilho Alcântara

Vista parcial do centro de Governador Valadares na década de 1940, a partir do morro do Carapina. A primeira imagem mostra o início da ocupação da planta urbanística executada por Olímpio de Caldas Freitas, implementada por um auxiliar, o carpinteiro José Serra Lima de Oliveira. Na segunda imagem pode ser visto o traçado da Rua Sete de Setembro e a Praça de Esporte, ainda sem o Colégio Estadual.



Vista aérea da Ilha dos Araújo, década de 50
Acervo: Museu da cidade



Vista aérea parcial da cidade, década de 50
Acervo: Museu da cidade

Vista aérea parcial do início do loteamento da Ilha dos Araújo, com a ponta onde foi construído o Garfo Clube. A segunda imagem é uma vista aérea de Cândia de Oliveira, de 1956, com a ponte da Ilha no primeiro plano, à direita. Nessa imagem é possível ver o pátio da Estrada de Ferro Vitória-a-Minas ainda no centro da cidade, onde hoje é a Rodoviária, Prefeitura Municipal e Praça dos Pioneiros.

Apoio:



GIT

Programa de Pós-Graduação
Gestão Integrada do Território

{ Exposição }

Revelações da cidade

Apoio:



As atividades econômicas nas décadas de 1940 e 1950

A extração da madeira foi uma atividade existente desde o início da ocupação da região. As Serrarias, entre as décadas de 40 e 60, proporcionaram uma expansão econômica significativa da cidade. Nos anos 50, essa atividade dividiu as atenções dos investidores locais, com o auge da pecuária, da extração da mica e com a instalação da Açucareira.



Serraria, década de 50
Acervo: Museu da Cidade



Depósito de Madeira na Rua D. Pedro II, 1948.
SANTOS, P. dos. 100 anos de fotografias.



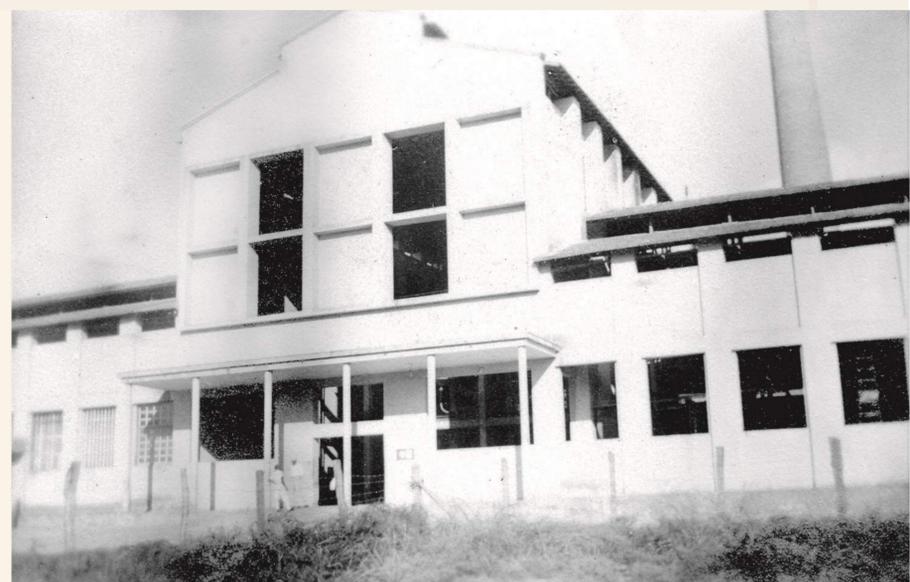
Fazenda da Conquista (Esplanadinha), 1950
SANTOS, P. dos. 100 anos de fotografias.



Fazenda Esperança (Vila Bretas), 1950
SANTOS, P. dos. 100 anos de fotografias.



Santos Nogueira Minérios, 1947
SANTOS, P. dos. 100 anos de fotografias.



Cia. Açucareira Rio Doce, 1955
SANTOS, P. dos. 100 anos de fotografias

Apoio:



GIT

Programa de Pós-Graduação
Gestão Integrada do Território

{ Exposição }

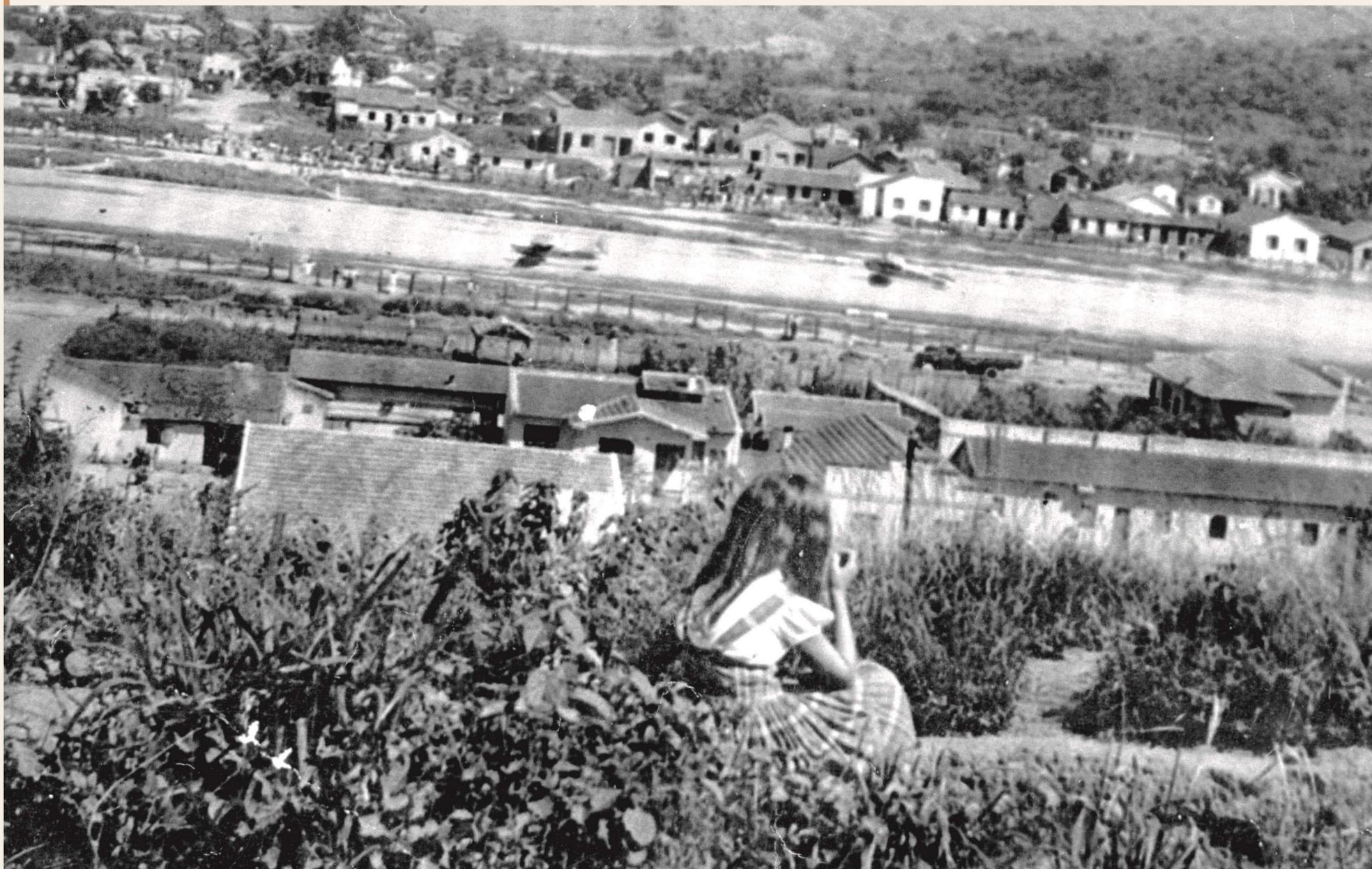
Revelações da cidade

Apoio:



O aeroporto: suporte para o desenvolvimento e sinal de modernidade

A aviação – assim como a ferrovia no século XIX – é dentro do campo do transporte, um sinal por excelência da modernidade. Qualquer cidade que se preze devia ter um aeroporto. Isto também aconteceu em Governador Valadares e deixou sua marca até os dias de hoje.



Aeroporto (Bairro de Lourdes), década de 50. Acervo: Museu da Cidade

NACIONAL
TRANSPORTES AÉREOS LTDA.
SUAS RÓTAS SÃO AS ARTÉRIAS DO CORAÇÃO DO BRASIL
Duas viagens diárias de Belo Horizonte para Gov. Valadares e vice-versa

AGÊNCIA DE BELO HORIZONTE
Passagens: — Av. Amazonas, 511 — Tel.: 2-0818
Encomendas: — Rua Goitacazes, 29 — T.: 2-0368
Agente em Governador Valadares: Hermírio Gomes da Silva
Rua Peçanha, 984

PANAIR DO BRASIL S. A.
A MAIOR REDE AEROVIÁRIA SULAMERICANA
21 ANOS A SERVIÇO DO BRASIL

Agência de Belo Horizonte:
Passagens: — Avenida Amazonas, 323 — Tel.: 2-5592
Informações: — " " — " 2-1039
Sec. Encom. Cargas: — Esp. Santo, 291 — " 2-3200
Estação passageiros Pampulha — " 2-1201

Agência de Governador Valadares:
Livreria Machado — Av. Minas Gerais, 1297

N. A. B.
NAVEGAÇÃO AÉREA BRASILEIRA S. A.
AVIÕES DC - 3 DE LUXO
Rio — Gov. Valadares — Bocaiúva — Montes Claros — vice-versa
Viagens às 3.^{as} — 5.^{as} e sábados

CONFORTO RAPIDEZ SEGURANÇA

Agência de Belo Horizonte:
Rua Espírito Santo, 480 — 2.^o andar — Tel.: 2-6117
Pampulha — " — " 2-3810

Agência de Gov. Valadares:
Av. Minas Gerais, 1140 — Ed. Cine Ideal

Companhias Aéreas que operavam em Governador Valadares, década de 1950.
Fonte: Revista Acaiaça, 1951.

Horário dos aviões que saem de Valadares

DIAS	HORÁRIO	DESTINO
DOMINGO	08,20	Belo Horizonte
	14,00	Rio de Janeiro
	16,50	Belo Horizonte
2ª. FEIRA	08,20	Belo Horizonte
	08,50	Itabacuri, Nanuque, Itabuna, Salvador
	10,05	Belo Horizonte
	10,20	Itabacuri, Jequitinhonha, Almenara, Vitória da Conquista, Ilheus e Salvador.
	16,50	Belo Horizonte
	16,50	Belo Horizonte
3ª. FEIRA	08,20	Belo Horizonte
	08,50	Vitória da Conquista, Salvador, Aracajú, Maceló e Recife
	11,00	Vitória
	14,30	Belo Horizonte
	16,00	Rio de Janeiro
	16,50	Belo Horizonte
4ª. FEIRA	08,20	Belo Horizonte
	08,50	Itabacuri, Nanuque, Itabuna e Salvador
	10,20	Nanuque, Jequitinhonha, Almenara, Vitória da Conquista, Jequié e Salvador
	4,00	Rio de Janeiro
	4,30	Belo Horizonte
	6,50	Belo Horizonte
5ª. FEIRA	08,20	Belo Horizonte
	08,50	Vitória da Conquista, Salvador, Aracajú, Maceló e Recife
	10,20	Vitória
	13,30	Belo Horizonte
	16,00	Rio de Janeiro
	16,50	Belo Horizonte
6ª. FEIRA	08,20	Belo Horizonte
	08,50	Itabacuri, Nanuque, Itabuna e Salvador
	10,20	Jequitinhonha, Pedra Azul, Vitória da Conquista, Ilheus e Salvador
	14,00	Rio de Janeiro
	16,50	Belo Horizonte
	16,50	Belo Horizonte
SÁBADO	08,20	Belo Horizonte
	08,50	Vitória da Conquista, Salvador, Aracajú, Maceló e Recife
	14,30	Belo Horizonte
	16,00	Rio de Janeiro
	16,50	Belo Horizonte
	16,50	Belo Horizonte

SÃO PAULO: Diário, via Belo Horizonte às 08,20.

Guia Valadarense, 1958.
Acervo: Biblioteca Central da Univale.

Apoio:



{ Exposição }

Revelações da cidade

Apoio:



Educação e desenvolvimento na cidade nos anos 1940 e 1950

A educação formal no Brasil muitas vezes veio atrasada em relação a outras dimensões da vida social e nem sempre foi um aspecto prioritário dos governos. Entretanto, podemos dizer que em Governador Valadares, por diversos motivos, o campo da educação sempre mereceu uma atenção privilegiada. Em 1951 o município contava com 68 escolas primárias municipais, 2 estaduais e várias particulares, além de um ginásio e uma Escola Normal. (Revista Acaiaca, 1951, p. 40).



Ginásio Clóvis Salgado, década de 1950.
Acervo: Museu da Cidade



Instituto Rex, década de 40.
Acervo: Museu da Cidade



Colégio Ibituruna, década de 40.
Acervo: Museu da Cidade



Colégio Imaculada Conceição, década de 40.
Acervo: Petronilho Alcântara



Escola Estadual Nelson de Sena, década de 40.
Acervo: Museu da Cidade

{ Exposição }

Revelações da cidade

Apoio:



GIT

Programa de Pós-Graduação
Gestão Integrada do Território

Apoio:

